

A

primeira vez que vi *Barbaro* foi quando cruzei a linha de chegada, acho que uns 800 metros atrás dele, na Laurel Futurity, corrida para puros-sangues de 2 anos de idade, em Laurel Park, Maryland. *Barbaro* só correria uma vez antes. Ainda era tão desconhecido que o locutor de pista errou na pronúncia de seu nome, chamando-o de "Barbérou".

Mas, *cara*, naquele dia de novembro de 2005, ele já era um foguete. Chegou tão à frente do meu cavalo e dos outros que não consegui ver muito dele, a não ser seu traseiro diminuindo cada vez mais na distância. Os outros jockeys e eu precisaríamos de binóculos.

Baio castanho com uma mancha branca entre os olhos, *Barbaro* tinha a imponente altura de 17 palmos – quase 1,80 metro – de puro músculo. A maioria dos cavalos dessa raça tinha uns 30 centímetros a menos de altura e era bem mais magra; verdadeiros adolescentes equinos, só pernas e terrivelmente desajeitados. Embora fosse da mesma idade, *Barbaro* tinha pernas robustas, traseiro largo e corpo de fisiculturista, com uma compleição natural para correr muito. De pro-

priedade de Roy e Gretchen Jackson, *Barbaro* não tinha pelo liso e macio. Nascera para o turfe.

Naquele dia, eu disse ao jockei dele, Jose Caraballo:

– Nossa, Jose, este cavalo é bom mesmo! Um cavalo excepcional!

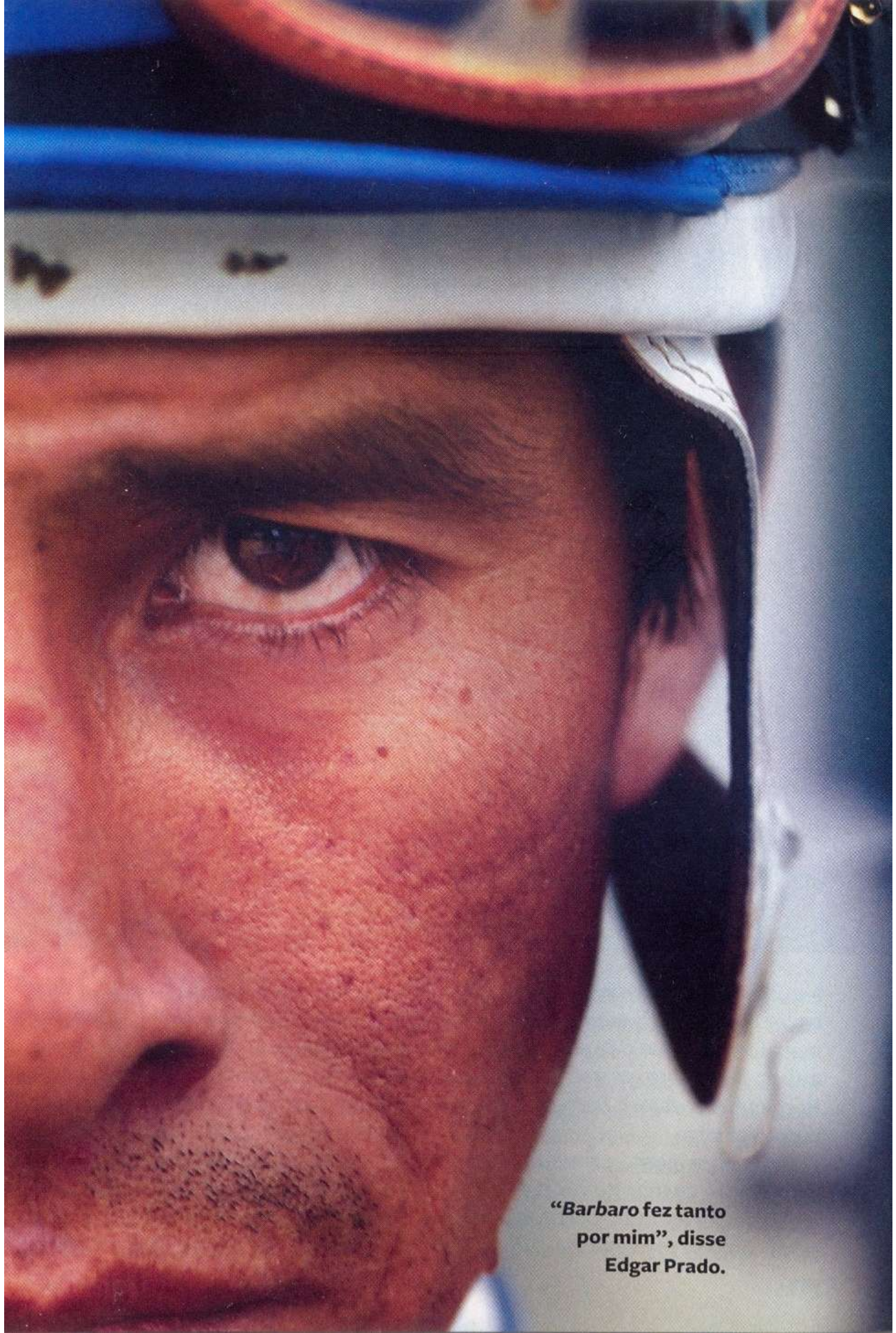
Caraballo sorriu.

– E, sabe, fez tudo por si próprio. Não toquei nele nem um instante.

Naquela noite, liguei para meu empresário, Bob Frieze. "Se o treinador de *Barbaro*, Michael Matz, alguma vez quiser trocar de jockei", disse-lhe, "eu adoraria montar o animal."

No Ano-novo de 2006, consegui por fim minha oportunidade, no Derby de Tropical Park, em Miami. Antes da corrida, vesti minhas roupas de seda e fui para o *paddock* ver *Barbaro*. Ele era maior e até mais espantoso do que me lembrava.

Olhei-o nos olhos antes de montá-lo. Ele me respondeu com olhar semelhante. Parecia dizer: "Venha! Vamos conseguir." Antes mesmo de irmos para o *starting gate*, gostei dele. Os cavalos sentem sua afeição; percebem como você olha para eles, como segura as rédeas. E também acho que os jockeys não têm obrigação de controlá-



**"Barbaro fez tanto
por mim", disse
Edgar Prado.**



E foi dada a largada! Barbaro, nº 8, deixa o starting gate no Kentucky Derby de 2006, com Edgar Prado no comando.

los. Não penso que alguém possa controlar um cavalo. É um animal maior e mais forte do que o homem, e, se ele quiser fazer algo, certamente o fará. Respeitei esse fato. E *Barbaro* ficou relaxado comigo.

Ganhamos nossa primeira corrida com quatro corpos de vantagem. Seu estilo de correr era tão suave que me senti como se estivesse voando. Após

cruzarmos a linha de chegada, desmontei e afaguei seu flanco longo e musculoso. Acabara de conduzir o melhor cavalo de minha carreira.

Logo depois, Michael e os Jacksons decidiram passar *Barbaro* para pista de areia. Embora o *pedigree* dele gritasse por grama (o pai de *Barbaro*, *Dynaformer*, bateu um recorde em pista de grama, e vários de seus outros fi-



lhós foram vitoriosos na grama), as pistas de areia são dominantes nos Estados Unidos. A série Tríplice Coroa (Triple Crown) de cavalos puros-sangues – o Kentucky Derby, o Preakness Stakes e o Belmont Stakes – é toda corrida em areia.

No início de fevereiro de 2006, *Barbaro* e eu corremos juntos outra vez no Holy Bull Stakes, de Gulfstream

Park, próximo a Miami. Ele ganhou a prova, a quarta seguida, e apresentava respiração quase normal após correr 1.800 metros. Encantado, eu comentei com meu empresário:

– Esse cavalo tem potencial para ser um *superstar* na areia.

– Você gosta dele tanto assim?

– Gosto, e muito!

Em abril, ganhamos juntos o Florida Derby. Foi quando Gretchen me perguntou se eu queria montar *Barbaro* no Kentucky Derby. Apenas um mês depois, em 6 de maio de 2006, sob os olhos de 160 mil pessoas nas arquibancadas e milhões ao redor do mundo, eu o conduzi na principal corrida dos Estados Unidos. Tudo era possível.

Sempre que eu dirijo por uma autoestrada e um Lamborghini me ultrapassa a uns 150 km/h, imagino qual a sensação de

dirigir uma *criança* dessas. Sempre gostei de velocidade, desde garoto, o décimo de 11 filhos em Lima, no Peru.

Meu pai, Jose, cuidava dos cavalos de esportistas peruanos ricos. Embora seus ganhos fossem modestos e nós vivêssemos numa casa de apenas um cômodo e sem eletricidade, meu pai nunca pensou em mudar de emprego. Ele amava tanto os cavalos que, se algo desse errado com algum deles, passaria a noite na baia do animal para assegurar-se de que ele estaria bem.

Muitas vezes dormi ao lado dele.

Foi observando o trabalho de meu pai na pista de Lima que desenvolvi o interesse pelas corridas. Os cavalos eram tão bonitos, inteligentes e rápidos que passei a ansiar por conduzi-los. Não me importava se dois de meus irmãos eram jóqueis. Minha mãe, Zenaida, era uma mulher durona, mas a vida de jóquei a apavorava, principalmente depois que meus irmãos voltavam para casa de ambulância com várias partes do corpo quebradas.

Mesmo assim, ela sabia como eu amava as corridas. Para aprender o ofício, consegui um emprego na pista. Em 1986, aos 18 anos, mudei-me para Miami a fim de iniciar uma grande carreira como jóquei. Escrevia longas cartas para minha mãe sobre os meus sonhos. Ela respondia: "Continue a lutar, filho."

Desde o início eu sabia quais cavalos precisavam de um pulso mais forte e quais necessitavam de mais liberdade – em suma, o jeito de ser de cada um. Hoje posso ficar por cinco minutos no aquecimento antes da corrida e saber quais são as forças e as fraquezas dele e do que ele gosta e não gosta. Um bom jóquei percebe a respiração do cavalo e sente seus movimentos.

Ganhei minha primeira corrida nos Estados Unidos com um cavalo chamado *Single Love*, em 1º de junho de 1986, e aos poucos comecei a subir na carreira. Fiz uma pequena pausa em 1989 para me casar com Liliana, meu amor de infância. Adquirimos a cidadania americana em 1993 e nos emo-

cionamos com o nascimento de cada um de nossos três filhos.

Com o passar dos anos, ganhei grandes corridas, entre elas os Belmont Stakes de 2002 e 2004. Ainda assim, sonhava ganhar a principal corrida americana. Eu corraera seis Kentucky Derbys e jamais ganhara. Assim, no primeiro sábado de maio de 2006, em Churchill Downs, com a maior parte de minha família na plateia, Michael me dizia: "Vamos largar e ganhar nosso primeiro Kentucky Derby, Edgar."

Montei em *Barbaro*, que estava descansado e pronto, e o conduzi para a pista, acariciando-o e murmurando: "Você é um bom menino. Está pronto para correr? Sei que está."

Muitos cavalos suam antes da corrida; *Barbaro*, não. Ele estava completamente à vontade e relaxado. Lembrei-me de ter visto fitas dos vencedores da Tríplice Coroa: *Secretariat* (1973), *Seattle Slew* (1977) e *Affirmed* (1978). Esses campeões mantinham a cabeça erguida ao caminhar; *Barbaro* também. Ele caminhava e trotava agitando a cabeça para cima e para baixo, com o olhar fixo em frente. Cavalos menos confiantes mantinham a cabeça abaixada, como se estivessem prestes a ser derrotados.

O alinhamento de 20 cavalos no *starting gate* levou vários minutos, o que constituiu um teste de paciência para os animais. *Barbaro* esperou calmamente no boxe 8. Continuei a murmurar que estávamos juntos naquilo e que conseguiríamos.

Por fim, todos os cavalos estavam alinhados.

Houve uma pequena pausa, um momento de silêncio... E foi dada a largada! *Barbaro* tropeçou no primeiro passo, mas logo recobrou o equilíbrio e partiu. Fiquei atordoado. Isso teria perturbado um cavalo inferior, mas em três passos largos *Barbaro* já estava em franca perseguição a *Sharp Humor*, logo à frente.

Enquanto nos aproximávamos da primeira curva, *Barbaro* foi entrando no ritmo. Estávamos a três ou quatro corpos da cerca e a igual distância dos líderes, *Sinister Minister* e *Keyed Entry*. Meu objetivo era posicionar *Barbaro* num lugar em que ele pudesse relaxar. Não precisei de qualquer esforço. Guiei-o para o ponto desejado e ele seguiu galopando tranquilo, sem qualquer preocupação com os poucos cavalos que iam à sua frente. Quando fizemos a primeira curva, eu estava exatamente onde queria estar.

Posicionando-nos na retaguarda, todos os três cavalos à frente estavam no lado de dentro da pista em relação a nós, de modo que nenhuma areia atingia a cara de *Barbaro*, como costuma acontecer nesse tipo de pista. Ele não poderia estar em melhor posição. A velocidade à nossa frente não duraria muito.

Quando atingimos a marca dos 800 metros, eu quis ver se *Barbaro* estava fazendo seu jogo, e assobiei para ele, que de imediato passou a correr mais. Impressionante! Em meio a toda a agitação do Derby, meu animal se mantinha inteiramente focado, à espera de um sinal. Eu, porém, ainda queria reservar o melhor dele para o fim.

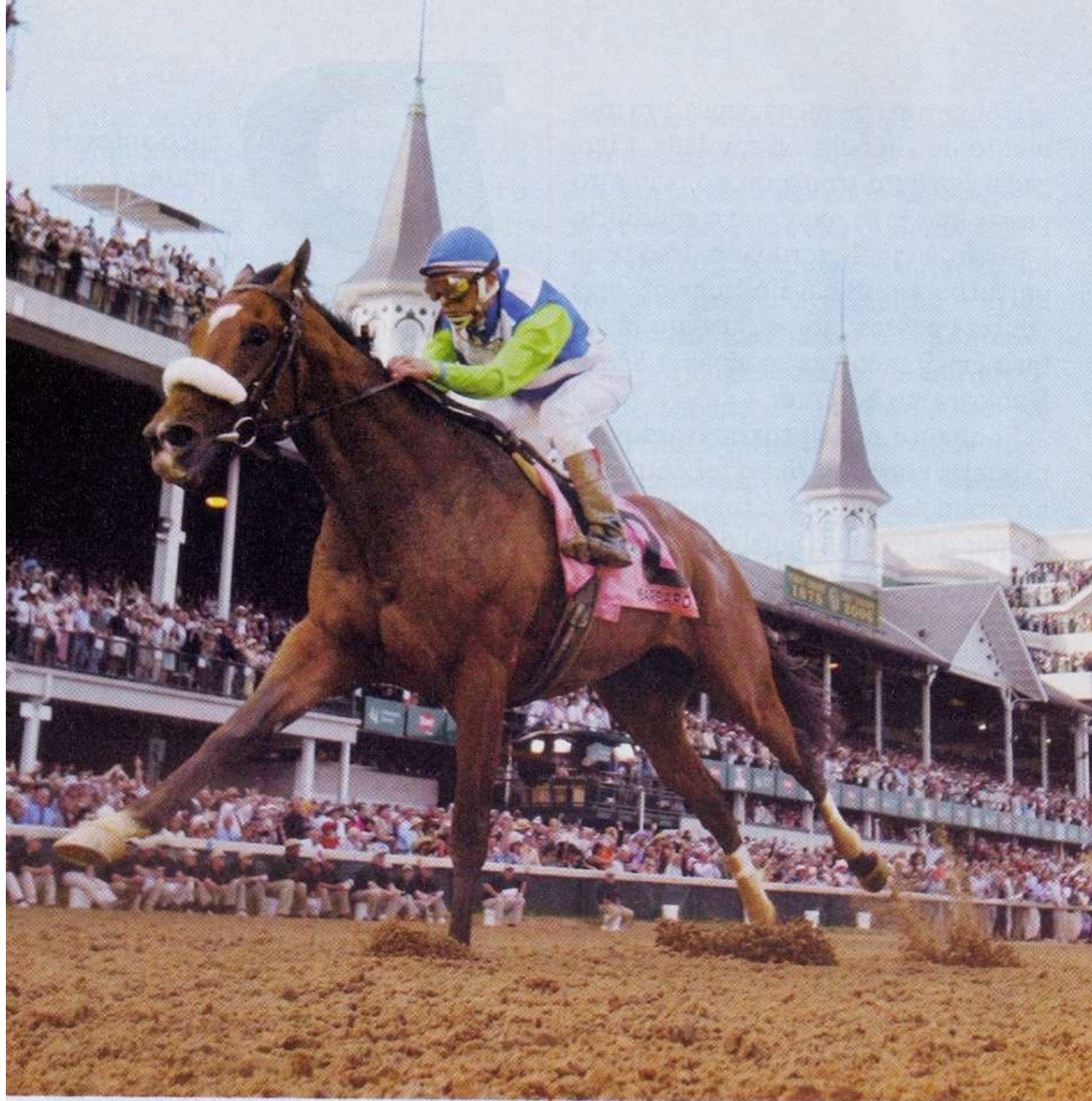
Pouco antes de alcançarmos a curva final, olhei para trás e para dentro da pista. Sabia que *Barbaro* estava pronto para deslanchar e achei que chegara a hora – mas não queria ainda acioná-lo se não houvesse alguém nos pressionando.

Poucos instantes depois, olhei de novo para trás. Dessa vez, *Sweetnorthernsaint* e *Showing Up* vinham investindo por dentro. *Sweetnorthernsaint* emparelhou conosco e *Showing Up* então nos ultrapassou. Não entrei em pânico. Sabia que *Barbaro* aceleraria quando solicitado. Aqueles cavalos lhe forneceria um alvo a perseguir.

Quando acabamos de contornar a curva final, *Barbaro* abaixou a cabeça e decolou.

Keyed Entry e *Sinister Minister* vinham mantendo a dianteira por 1.600 metros. Mas, quando *Barbaro* começou a acelerar, eles passaram a diminuir a marcha, parecendo mais andar do que correr. *Sweetnorthernsaint* também desacelerou. Em poucos passos largos, próximo ao fim da segunda curva, *Barbaro* ascendeu com rapidez do quarto lugar para o primeiro.

Às vezes, conto às pessoas o que aconteceu em seguida e elas não acreditam. Mas aconteceu. Quando *Barbaro* assumiu a liderança, suas orelhas ficaram em pé como as de um coelho e ele perdeu velocidade. *Barbaro* estava surpreso. Estivera focado nos cavalos à sua frente que, de súbito,



havam desaparecido. Sua reação foi: “Epa, aonde foram todos?”

Quando ele diminuiu o ritmo, mostrei-lhe o chicote e assobiei. Não precisei tocá-lo. *Barbaro* viu que estava na hora de partir. Suas orelhas baixaram e ele disparou como uma bala. A sensação foi como a de um carro que vai de zero a cem quilômetros por hora em questão de segundos – meu Lamborghini! *Barbaro* sabia o que fazer. Meu Deus, como ele correu!...

No início da reta, arrancou na frente por uns dois corpos; mostrei-lhe o chicote de novo e simplesmente o deixei ir. Ele se lançou para diante, abrindo dois corpos, depois três.

A 200 metros da chegada, olhei para trás. Ninguém nos ameaçava. Atrás de nós havia 19 cavalos em variados estados de cansaço e desânimo. Estavam acabados. Agora, a questão era ver com que margem venceríamos.

Barbaro devorava imensas quanti-

Barbaro e seu jóquei surpreenderam os espectadores do Churchill Downs, em 2006. “Ele estava no auge da glória”, disse Prado.



dades de pista a cada larga passada, excitado por estar correndo a toda velocidade. E avançava cada vez mais com suas pernas dianteiras. A liderança aumentou para quatro corpos... cinco. Mostrei-lhe o chicote de novo e guardei-o de vez. Ele tinha agora uma vantagem de seis corpos e nenhuma ameaça à vista. A multidão urrava. Então experimentei um momento de pura felicidade ao cruzarmos a linha de chegada.

Quando afrouxei as rédeas, *Barbaro* olhou em volta, como se dissesse: “É isso mesmo? Tenho de parar?”

Ao me dar conta do que acabara de acontecer, as lágrimas me inundaram os olhos. Pensei em minha mãe, que sucumbira ao câncer poucos meses antes. Seria maravilhoso se ela tivesse podido me ver ganhar essa corrida. Teria ficado tão orgulhosa...

Barbaro fez uma parada, e uma repórter da NBC, Donna Brothers, emparelhou seu cavalo conosco para uma entrevista:

– Parabéns, Edgar, por sua primeira vitória no Kentucky Derby! O *Barbaro* foi impressionante. Que cavalo!

Tentei recobrar a voz:

– *Barbaro* é mesmo excelente. Ele acaba de mostrar a qualidade que tem. Provou que sabe correr. Estou muito feliz.

Conduzi *Barbaro* de volta à linha de chegada e ao círculo do vencedor. Quando passamos pela superlotada tribuna de honra, recebemos uma tremenda ovação – milhares de pessoas saudando-nos com vivas e gritando o nome de *Barbaro*. Apontei para ele: era o campeão, tinha feito todo o trabalho. Eu apenas o acompanhara na corrida.

Quando um cavalo é invicto e vence o Kentucky Derby por seis corpos e meio, as pessoas começam a pensar grande. E foi isso que aconteceu nas duas semanas que transcorreram entre o Derby e o Preakness Stakes, em Pimlico, Baltimore. Milhões de pessoas nos EUA exaltaram as grandes chances desse cavalo de se tornar o pri-

meiro vencedor da Tríplice Coroa em 28 anos.

Falava-se disso em todos os lugares.

No dia da corrida, um sábado radiante e claro, acordei perto de Woodstock com a necessidade de chegar cedo a Pimlico. Tomei café com torradinhas, dei um beijo de despedida em Liliana e fui para o hipódromo. A caminho da sala dos jockeys, dei uma paradinha para ver *Barbaro*. Ele estivera na pista para fazer um aquecimento matinal que Michael descreveu como brilhante. *Barbaro* parecia pronto para correr. Seus olhos reluziam.

De fora da baía, dei-lhe uns tapinhas no pescoço e disse: “O dia vai ser bom, garotão.” Suas orelhas se voltaram para trás; ele sempre adorou ouvir vozes.

Antes da corrida, permanecemos na grama por cerca de dez minutos enquanto selavam os outros cavalos. *Barbaro* não costumava ficar na grama antes de uma corrida. Nem me dei conta disso no momento. Mais tarde, contudo, quando tentei entender o que acontecera naquele dia, lembrei-me da mudança na rotina dele.

Antes das outras corridas na areia, *Barbaro* sempre recebera a sela em chão rígido de concreto, em *paddocks* parcial ou totalmente fechados. De onde então saía e corria em pista dura. Dessa vez, porém, recebeu a sela

sobre a grama e, sendo uma criatura de hábitos consolidados, como são os cavalos, pode ter pensado que correria na grama, o que o entusiasmou.

Quanto mais permaneceu lá, mais seus músculos ficaram tensos e mais forte se tornou sua respiração. Quando o montei, ele estava agitado, um pouco ansioso demais. Chegou mesmo a dar solavancos duas vezes, o que nunca fizera antes comigo. Atribuí isso ao ambiente frenético que nos cercava. O som alto do *rock*, os gritos das pessoas e a fala incessante do locutor. Nada disso perturbava *Barbaro* antes, mas os cavalos podem ser imprevisíveis.

Eu esperava que essa mudança de comportamento fosse apenas um probleminha antes da corrida. Quando, porém, fomos colocados no *starting gate*, ocorreu um problema maior – um desastre.

Barbaro entrou tranquilo no boxe número 6, com a porta traseira travando atrás de nós. Ele aguardou com calma enquanto os demais cavalos eram alojados em seus respectivos boxes. *Diabolical* foi o último deles. O potro empacou, de modo que os integrantes da equipe do boxe de Pimlico lançaram mão de um velho truque: abrir o portão de largada do boxe dele para lhe proporcionar mais espaço livre. Assim, logo que *Diabolical* entrou, fecharam os portões da frente e de trás.

Foi então que, ao ouvir o segundo clique, *Barbaro* subitamente deu um coice com as pernas dianteiras, abrindo o portão à sua frente e disparando pela pista. A multidão suspirou.

Queimar a largada em corridas de cavalos constitui uma aberração, um acontecimento raro. Das centenas de cavalos que já conduzira em minha carreira, só uns poucos se lançaram de maneira assim precipitada.

À medida que *Barbaro* galopava sozinho pela pista, tudo parecia se desenrolar em câmara lenta. Puxei as rédeas com força. Um batedor (funcionário da pista a cavalo) veio em nossa direção na tentativa de ajudar-me a dominar *Barbaro* a fim de que pudéssemos reconduzi-lo ao boxe para dar início à corrida. Havíamos corrido só uns 30 a 40 metros antes que *Barbaro* parasse, mas me pareceu uma eternidade. Meu coração martelava no peito. Os cavalos que queimam a largada raramente correm bem após serem recolocados no boxe.

Quando dei a volta com *Barbaro*, olhei para baixo. Estava meio esperançoso de ver sangue pingar de um corte numa das pernas dianteiras, torcendo para ter de retirá-lo do páreo. O mundo do turfe ficaria furioso comigo: como eu pudera ferir um cavalo aparentemente capaz de vencer a Tríplice Coroa?

Eu, porém, teria feito isso sem hesitar. *Barbaro* tinha tanto pela frente... Ele ainda podia fazer história. Por que obrigá-lo a correr num dia em que ele não parecia bem?

Eu me preocupava com seu bem-estar. No entanto, quando o reconduzi ao boxe do *starting gate* e o examinei, ele parecia bem. Não havia sangue, e ele não mancava. Seus olhos estavam claros e brilhantes.

O Dr. David Zipf, veterinário de Pimlico, examinou *Barbaro* cuidadosamente.

– Vê alguma coisa, doutor? – perguntei.

– Nada, Edgar. Ele parece bem – respondeu o Dr. Zipf.

Não havia tempo para me comunicar com Michael ou os Jacksons. Eles estavam nas arquibancadas – terrivelmente ansiosos, eu tinha certeza disso. Os outros cavalos do Preakness continuavam no *starting gate*, aguardando o início da corrida.

Falei com *Barbaro*, na esperança de acalmá-lo: “OK, menino, vamos conseguir.”

Quando os portões se abriram e os nove cavalos dispararam, *Barbaro* estava em pé de igualdade com os demais. No entanto, em todas as outras corridas ele arrancara com ímpeto, força, e depois encontrara seu ritmo. Dessa vez, parecia moroso.

Pensei que talvez não tivesse gostado da pista ou que apenas precisasse sossegar. Fosse o que fosse, ele estava se arrastando. Fiquei logo alerta.

Quando completou os primeiros cem metros, esperei que se enquadrasse na corrida. Mas, de repente, senti que ele fraquejou. Foi como se houvesse absorvido um impacto e tivesse perdido o equilíbrio.

Em geral, sei quando um cavalo sucumbe sob meu comando. Já experimentei isso dezenas de vezes em minha carreira. Há um forte solavanco, ou o cavalo dá uma guinada brusca, ou tomba. Os sinais, porém, não eram ainda tão óbvios.

Pensei que *Barbaro* talvez tivesse distendido um músculo. De qualquer modo, era preocupante o suficiente para fazê-lo parar. Como jóquei, se eu tiver algum tipo de preocupação a respeito do meu cavalo, eu paro. Não é justo fazer o animal correr caso haja dúvida sobre sua saúde.

Meu coração disparou quando aliviei *Barbaro* para que deixasse de acompanhar o grupo e o guiei em direção à cerca externa.

Aquilo estava mesmo acontecendo? Ele ficaria bom?

Olhei para trás e para baixo. Vi que *Barbaro* estava correndo sobre três pernas, poupando a traseira direita. Ele era tão compulsivo e atlético que ainda queria correr, sem dúvida por ver os outros cavalos se afastarem. Este grande cavalo queria derrotá-los!

Eu, porém, continuei a segurar as rédeas e ele parou perto da linha de chegada, à sombra da tribuna de honra. A multidão silenciara depois do rugido ensurdecedor da largada, poucos minutos antes, quando os portões foram abertos. Dei uma olhada nas primeiras filas de arquibancadas. Os espectadores fitavam de olhos arregalados, alguns boquiabertos.

Desmontei e coloquei as mãos nele na tentativa de controlá-lo. Quando feridos, alguns cavalos dão coices, mas *Barbaro* deixou que eu o pegasse. Pa-

recia confiar em mim, sabia que eu estava tentando ajudar. Era muito inteligente.

Vi-o manter a perna traseira direita pendurada desajeitadamente sobre a areia. *Isso pode ser mau*, pensei. Esperava que não estivesse quebrada. Não vi sangue. Talvez fosse um machucado leve. Comentaristas elogiaram-me depois por ter agido rápido e ajudado *Barbaro* a sobreviver, mas a verdade é que o cavalo fez isso por si só. Ele permaneceu calmo, seguiu minhas instruções e deixou que eu o controlasse. Manteve a perna lesionada suspensa sobre a areia.

Veterinários e funcionários de pista chegaram às pressas. A ambulância de equinos parou e a pista se tornou uma cena de acidente. Michael e o treinador assistente Peter Brette desceram correndo as arquibancadas, chegando em questão de segundos, seguidos pelos Jacksons. Todos pairavam em torno de *Barbaro*.

Ao vê-los ali, quase irrompi em lágrimas. “Desculpem-me...”, eu disse. Quando os demais cavalos concluíram a corrida, as pessoas começaram a perguntar o que acontecera. Expliquei que *Barbaro* não se sentira bem. Então, apenas dei um passo atrás, amparei a cabeça com as mãos e a inclinei. Uma hora depois, de volta ao estábulo anexo ao celeiro, o veterinário Nick Meittinis me deu a má notícia. Ele acabara de ver as radiografias da perna de *Barbaro*. “Sinto muito, Edgar, mas não me parece nada bom.”

A expressão de meu rosto revelou um coração despedaçado.

As radiografias mostraram que os ossos da perna traseira direita de *Barbaro* haviam-se fragmentado em pelo menos duas dúzias de pedaços. Unilos seria quase impossível. Felizmente, *Barbaro* não estava nas mãos de um frio grupo econômico que só se preocupa com o resultado financeiro.

Ao contrário, seus donos eram um casal incrivelmente generoso e de bom coração que amava os cavalos. Roy e Gretchen Jackson decidiram que, apesar da adversidade, queriam tentar salvar *Barbaro*. Achavam que ele merecia a oportunidade.

Fui para onde *Barbaro* estava. Os veterinários e radiologistas saíram, deixando-nos a sós. Ele me lançou um olhar afetuoso e eu comecei a chorar e a me lamentar, com lágrimas copiosas descendo pelo meu rosto. *Barbaro* pousou a cabeça em meu ombro. Tenho certeza de que sofria, mas eu apenas o amparei e ele relaxou. Acho que estava contente comigo ali.

Ficamos naquela posição por pelo menos cinco minutos. Estávamos juntos em nosso mundo particular.

A carreira atlética de *Barbaro* acabara. Aquele excepcional cavalo de corrida reduzira-se agora a andar em torno do New Bolton Center, hospital veterinário de primeira linha em Kennett

Square, Pensilvânia, com uma imobilização na perna, cortesia do cirurgião veterinário, Dr. Dean Richardson. O brilho e a vitalidade de *Barbaro* permaneciam.

Quando o visitei pela primeira vez no CTI dez dias depois da corrida, fui direto ao estábulo e disse: "Oi, cara! Como está?" Ele reagiu de imediato.

Encaminhou-se para mim como um velho amigo. Suas orelhas empinaram. Deixou que eu o pegasse e acariciasse.

Ele estava alerta, com os olhos brilhantes, e olhava em volta, como se dissesse: "Vou conseguir. Não se preocupe."

Continuei a falar com ele e dei-lhe cenouras pequenas, seu alimento preferido. Ele pousou a cabeça em meu ombro, do mesmo jeito que fizera em

Pimlico. Isso me encorajou.

Por muitos meses, após passar por várias cirurgias e sob o olhar firme do Dr. Richardson e sua equipe, *Barbaro* lutou para superar a lesão e também uma laminite, doença dolorosa no casco dos cavalos que precisam colocar mais peso numa perna para compensar uma fragilidade. Os médicos e enfermeiras que trataram dele diziam a toda hora: "Que cavalo!" Impressionavam-se com a força, a inteligência e a atitude dele.



Mas, em janeiro de 2007, embora se recuperasse bem, *Barbaro* sofreu uma grave crise de laminite na pata traseira esquerda. Também desenvolveu um abscesso na pata direita traseira, que produzia dor intensa. O Dr. Richardson não podia tratá-lo com a imobilização na perna, de modo que inseriu uma placa e dois pinos de aço, o que eliminou todo o peso exercido sobre a pata. Foi uma operação arriscada, uma vez que as patas dianteiras poderiam desenvolver laminite por causa da alteração no peso. O Dr. Richardson, porém, não viu outra solução.

Naquela noite, falei com Michael e fiquei sabendo que as chances de *Barbaro* se recuperar diminuía a cada minuto. Quase não dormi. Na manhã seguinte, recebi a notícia devastadora: *Barbaro* fora sacrificado. Os Jacksons haviam decidido fazer o melhor para ele, livrando-o do sofrimento.

Minha experiência com esse animal me abalou até a alma. Passado um ano

da vitória dele no Kentucky Derby, eu ainda via lágrimas nos olhos das pessoas quando se aproximavam de mim. Eu continuara a conduzir outros cavalos em outras corridas; era essa minha profissão, minha vida. Continuei, entretanto, a receber emocionados cartões, cartas e mensagens sobre *Barbaro*. Ficou claro que eu continuaria ligado a ele.

Sempre imaginara que meu objetivo na vida, além de ser bom marido e bom pai, era honrar o dom que Deus me concedera e ser o melhor jôquei que pudesse. E talvez eu tenha sido posto neste mundo para, também, acompanhar a jornada de *Barbaro*, compartilhar com ele seus altos e baixos.

De vez em quando, gosto de assistir à fita do Kentucky Derby para me lembrar de como *Barbaro* era impressionante. Sinto-me imensamente feliz de tê-lo conhecido, de tê-lo conduzido. Eu prossegui com minha vida, mas ficou faltando um pedaço de mim.

HISTÓRIA DE SUCESSO

Passando por Búzios num fim de semana, vi uma lojinha para alugar. Eu – jovem, médico – nunca soube o que é empreender. Mas parecia viável.

Montamos uma loja. Fiquei responsável pelo *design* gráfico, Milene, uma ex-namorada, cuidava da costureira, e um *boy* fazia a arte final.

Cinco minutos depois de abrir a loja, um italiano disse que queria abrir uma franquía na Itália. Ainda funcionávamos com um alvará provisório! Eu trabalhava como médico até às 18h e depois fazia as peças com as costureiras da fábrica de um amigo. No sábado, abríamos a lojinha e vendíamos. Dinheiro no bolso de verdade.

Oskar Metsavaht, dono da loja Osklen

